

— Muito bem — disse Han a Lando, os dedos tateando a perna esquerda de Artoo à procura de apoio. — Prepare-se.

O dróide emitiu alguns sons.

— Ele lembra para que tenha cuidado — traduziu Threepio, distante o suficiente para que não gritassem com ele. — Não esqueça de que a última vez...

— Nós não o largamos de propósito — resmungou Han. — Se ele quiser esperar por Luke, está ótimo.

Artoo voltou a manifestar-se.

— Ele diz que não será necessário. Confia em vocês — disse Threepio.

— Fico contente em saber disso — agradeceu Han, descobrindo que não havia nenhum apoio melhor. — Vamos lá, Lando. Levante!

Juntos fizeram força; com um safanão que quase deslocou as costas de Han, o dróide saiu do embaraço de trepadeiras onde se metera.

— Pronto — disse Lando, enquanto o largavam sem muita suavidade sobre o solo de folhas e sujeira do leito seco do riacho. — Que tal?

Daquela vez a explicação foi longa.

— Ele disse que os danos parecem reduzidos a um mínimo.

— Tradução: ele está só enferrujando — manifestou-se Han, esfregando as costas.

Cinco metros adiante, Luke utilizava o sabre-laser para cortar uma touceira grande de trepadeira que bloqueava o caminho. A seu lado, Chewbacca e Mara estavam abaixados com as armas prontas, prontos a atirar nas criaturas que atacavam quando perturbadas. Como tudo o mais em Wayland, tiveram de aprender da forma mais difícil.

Lando caminhava ao lado, retirando o que restava da raiz ácida com as mãos.

— Lugarzinho divertido, não?

— Eu devia ter aterrissado o *Falcon* mais perto — resmungou Han. — Ou podíamos ter nos aproximado quando vimos que não

poderíamos usar as motos.

— Se você tivesse feito isso, agora a gente estaria lidando das patrulhas do Império ao invés de raízes ácidas e ninhos de cobras — afirmou Lando.

— Pessoalmente, considero uma troca justa.

— Acho que sim.

À curta distância, algo emitiu um complicado assobio, obtendo uma resposta em outro local. Han olhou na direção do ruído, mas não conseguiu enxergar nada entre as trepadeiras e os dois níveis diferentes de árvore.

— Não parecem predadores — comentou Lando.

— É difícil dizer — afirmou Han, olhando por sobre o ombro para onde Threepio limpava Artoo. — Ei, baixinho, coloque os sensores para trabalhar.

Obediente Artoo estendeu sua pequena antena e começou a movê-la para diante e para trás. Por um minuto permaneceu assim, depois emitiu alguns sons.

— Ele diz que não existem animais grandes num raio de vinte metros — traduziu Threepio. — Além desse limite...

— Ele não pode ler por causa da mata fechada — completou Han, já familiarizado com as respostas. — Obrigado.

Artoo retraiu a antena, e ele e Threepio continuaram sua discussão.

— Onde acha que foram todos? — indagou Lando.

— Os predadores? — Han balançou a cabeça. — Não tenho a menor idéia. Talvez para o mesmo lugar que os nativos.

— Não gosto disso, Han — declarou Lando, depois de olha ao redor. — Eles devem saber que estamos aqui a uma hora dessas. O que estão esperando?

— Talvez Mara estivesse errada sobre eles. Talvez o Império tenha se cansado de dividir o planeta com os nativos e os tenha exterminado.

— E uma idéia animadora. Mas ainda assim não explicaria porque os predadores nos ignoraram nos últimos dois dias e meio.

— Não. — Han olhou para amigo, pensando que ele tinha razão. Alguma coisa espreitava; podia sentir isso em suas entranhas. Alguma

coisa, ou alguém. — Talvez os que fugiram depois do tiroteio, quando chegamos, tenham avisado os outros para manter distância.

— Aquelas coisas eram mais burras do que percevejos do espaço e você sabe disso — argumentou Lando.

— Foi só idéia — disse Han, dando de ombros. Adiante, o halo esverdeado da lâmina luminosa de Luke apagou-se.

— Tudo limpo — declarou ele. — Conseguiram desembaraçar Artoo?

— Ele está ótimo — respondeu Han. — Encontrou cobras?

— Dessa vez, não. Mas parece que perdemos a oportunidade de lidar com outro bando de pássaros de rapina.

Luke apontou para uma das árvores que margeavam o riacho seco.

Han seguiu a direção indicada pelo sabre-laser e viu outro ninho de lama e vegetação, num galho baixo. Threepio esbarrara num deles no dia anterior, e Chewbacca ainda estava cuidando dos arranhões recebidos no braço esquerdo pelos pássaros que saíram do ninho, até que conseguissem abater todos a tiros e golpes de lâmina-laser.

— Não toque nisso!

— Não se preocupe, Han. Está vazio — assegurou Luke, tocando o ninho com a mão. — Devem ter se mudado.

— É... — concordou Han, aproximando-se.

— Algo errado?

— Não. Sem problema. Por quê? — Atrás deles, Chewbacca rugiu. Antes que Luke respondesse, Han apressou-se a continuar: — Quero avançar mais um pouco antes que escureça. Luke, você e Mara levem os dróides na frente. Chewie e eu vamos na retaguarda.

Luke não deixou de perceber a tentativa de adiar o assunto, mas não disse nada.

— Certo. Vamos indo, Threepio.

Reiniciaram a caminhada pelo leito seco do riacho, com Threepio queixando-se da maneira habitual. Lando olhou para Han, mas absteve-se de fazer comentários.

Ao lado, Chewbacca rosnou uma pergunta.

— Vamos descobrir o que aconteceu com os pássaros, é isso o que vamos fazer — respondeu Han, olhando para o ninho, que não parecia

ter sido atacado. — E você que consegue farejar carne fresca a dez passos, contra o vento. Pode começar a cheirar.

Ao final não precisaram utilizar a habilidades do wookiee. Um dos pássaros estava deitado embaixo de um arbusto próximo à árvore, as asas esticadas e rígidas. Morto.

— O que acha? — indagou Han enquanto Chewbacca examinava o animal. — Foi algum predador?

As garras do wookiee apareceram, e uma delas afastou a penugem no peito do pássaro, colocando a descoberto uma mancha sob a asa esquerda. Era um corte. Rosnou sua conclusão.

— Tem certeza de que foi feito com uma faca? Não foi algum tipo de garra, assim como a sua?

O wookiee manifestou-se, lembrando o óbvio: se fosse obra de algum predador, só teriam encontrado penas e ossos.

— Certo... — admitiu Han, enquanto Chewbacca devolvia o pássaro ao local onde fora encontrado. — Era só uma forma de imaginar que os nativos não estivessem por perto. E devem estar bem perto.

Chewbacca olhou ao redor, rosnando sua preocupação.

— Não tenho a menor idéia. Talvez estejam só observando Ou esperando reforços.

O wookiee rugiu, apontando o pássaro e Han abaixou-se para olhar de perto. Ele tinha razão: o local do ferimento indicava que as asas estavam abertas quando a lâmina penetrara. O que significava que fora morto no ar, em vôo. Com um único golpe.

— Você está certo, Chewie. Eles não iriam precisar de reforços. Vamos logo, para alcançar os outros.

Solo planejava continuar até o escurecer, mas depois de mais um desentendimento entre o dróide astromecânico e outra moita de cipós ácidos, desistiu e resolveu parar ali mesmo.

— Então, o que vai ser? — indagou Mara, enquanto Luke tirava sua mochila das costas e esticava o corpo. — Vamos ter de carregá-lo?

— Acho que não. Chewie acha que pode consertá-lo — respondeu Skywalker, olhando para onde Lando e o wookiee haviam colocado Artoo de lado e examinavam as rodas.

— Você podia trocá-lo por alguma coisa que não fosse projetada para andar em solos metálicos planos — comentou ela.

— Às vezes tenho vontade, mesmo. Mas considerando tudo, até que ele se vira bem. Devia ter visto quanto ele percorreu no deserto de Tatooine, na noite em que eu o compreí...

Mara olhou para onde Solo estava estendendo seu saco-de-dormir, com um olho na floresta à frente dele.

— Vai me contar o que estava conversando com Solo lá atrás? Ou é alguma coisa que eu não deva saber?

— Ele e Chewie encontraram um daqueles pássaros do ninho vazio — disse Skywalker. — Aquele próximo ao segundo enroscado de cipós que desembarçamos hoje. Foi morto voando, por um único golpe de faca.

Mara engoliu em seco, pensando nas histórias que havia escutado quando estivera ali com o Imperador.

— Provavelmente os myneyrshi. Eles fizeram desse tipo de combate uma arte.

— O que eles sentiam pelo Império? — quis saber Skywalker.

— Como eu já disse, não gostam de humanos. Começando com os que vieram como colonizadores, bem antes do Imperador se apossar do planeta.

Olhou para Skywalker, que encarava um ponto indefinido no céu, a testa franzida.

Mara respirou fundo, projetando a Força com toda a energia. Os sons e cheiros da floresta penetraram em sua mente, servindo de fundo para as formas animais ao redor. Árvores, arbustos, animais, pássaros...

E ali, à beira de sua consciência, havia outra mente. Alienígena e impossível de ler... porém, superior.

— Quatro deles... — sussurrou Skywalker. — Não. Cinco.

Mara esforçou-se mais e concentrou-se o suficiente para reparar que ele tinha razão; havia mais do que uma mente ali. Mas não conseguia separar os vários componentes do sentido geral.

— Procure as diferenças — disse Luke. — A forma como elas são diferentes umas das outras. E a melhor técnica para resolver essas mentes.

Mara experimentou; para sua surpresa, descobriu que ele tinha razão. Havia essa segunda mente... a terceira... E de repente, desapareceram todas. Ela olhou para Skywalker.

— Não sei. Senti uma emoção intensa, e eles se voltaram e saíram.

— Talvez não saibam que estamos aqui — sugeriu Mara hesitante.

Assim que acabou de pronunciar as palavras, percebeu que não poderiam ser verdadeiras. Entre os rugidos do wookiee perante tudo o que vinha na direção deles e dróide-protocolo que não parava de reclamar, era de espantar que o planeta inteiro não soubesse de sua presença.

— Eles sabem, sim. Na verdade, tenho certeza que se dirigiam direto para nós, quando foram... — Luke hesitou. — Já dizer que se assustaram, mas isso não faz sentido.

— Poderíamos ter sido avistados por patrulhas do Império?

— Não. Eu saberia se houvesse mais humanos por perto — afirmou ele, enfático.

— Aposto que é uma capacidade bem útil, essa — comentou Mara.

— E só uma questão de treino.

Ela olhou para Skywalker, de soslaio. Percebera um tom diferente na voz dele.

— O que você está querendo dizer? Ele sorriu.

— Nada... eu só estava pensando nos gêmeos de Leia. Pensando em como vai ser quando eu tiver de ensinar a eles.

— Está preocupado sobre quando começar?

— Estou preocupado em saber se sou capaz de fazer isso. Ela deu de ombros.

— Qual o problema? Você ensina a eles como enxergar mentes, mover objetos e usar o sabre-laser. Você fez isso com a sua irmã, não fez?

— Fiz. Mas isso quando pensei que era apenas isso. Na verdade, é só o começo. Eles serão poderosos na Força e com esse poder vem a responsabilidade. Como ensino isso a eles? Como ensino a eles sabedoria e compaixão e que é errado abusar da Força?

Mara estudou-lhe o perfil enquanto ele fitava a floresta. Não se tratava apenas de jogos de palavras; ele estava falando sério. Havia definitivamente um lado heróico, nobre e infalível no Jedi, que ela não vira antes.

— Como alguém ensina essas coisas para outra pessoa? — indagou ela.

— Dando o exemplo, eu imagino.

Ele pensou um pouco e concordou, com certa relutância.

— Acho que sim. Quanto do treinamento Jedi o Imperador ensinou a você?

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— O suficiente. A parte básica, eu acho. Por quê? — quis saber Mara, abafando o ódio que vinha com as palavras do Imperador. — Está procurando a sabedoria e a compaixão?

— Não... mas já que temos alguns dias juntos até chegar ao monte Tantiss, podia ser uma boa idéia rever essa parte básica. Sabe como é... como se fosse uma recapitulação.

Ela olhou para Skywalker, um arrepio percorrendo-lhe o corpo. Ele parecia casual demais sobre o assunto.

— Você por acaso teve alguma visão do que temos pela frente? — indagou Mara, desconfiada.

— Na verdade, não... — respondeu ele, hesitante. — Algumas imagens que não fazem muito sentido. Só achei que seria uma boa idéia que fosse utilizasse o máximo possível da Força, quando entrarmos.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— Você vai estar lá. Por quê preciso utilizar a Força?

— Para o que quer que seu destino exija — declarou ele, com voz firme.

— Temos uma hora ou duas antes do pôr-do-sol. Vamos começar.

Wedge Antilles deslizou para o seu lugar no longo banco semicircular, ao lado dos outros comandantes de esquadrilha. Acomodou-se e olhou ao redor. A multidão já era grande e outros homens ainda chegavam. Fosse o que fosse que Ackbar tinha em mente, era algo grande.

— Oi, Wedge — cumprimentou alguém sentando-se a seu lado. — Que bom encontrar você aqui.

Wedge voltou-se surpreso para o recém-chegado. Era Pash Cracken, filho do legendário general Airen Cracken e um dos Melhor comandantes de esquadrilha em ação.

— Posso dizer o mesmo, Pash. Pensei que estivesse no setor Atrivis, tomando conta do Cinturão Externo de Comunicação.

— Você está atrasado, Wedge — respondeu Pash, amuado — Generis foi tomada três dias atrás.

— Não sabia — desculpou-se Wedge. — Foi muito ruim?

— Bastante. Perdemos o centro de comunicação, mais menos intacto, e a maior parte dos depósitos de suprimento do setor. Por outro lado, não deixamos nenhuma nave ou eles pudessem aproveitar. E conseguimos causar um bocado de encrenca na volta, de forma que o general Kryll conseguiu passar com Travia Chan e seu povo bem por baixo do nariz do pessoal do Império.

— Já é alguma coisa, eu acho — declarou Wedge. — O que foi que venceu vocês? Superioridade nas forças, ou tática?

— Os dois. Não acho que Thrawn estivesse lá em pessoa mas certamente foi ele quem planejou o ataque. Sabe, Wedge, esses clones dele me dão arrepios. É como lutar contra as tropas de choque: a mesma dedicação incansável, o mesmo sangue-frio, a mesma precisão e frieza para matar. A única diferença é que estão agora em todas as posições, em vez de serem apenas soldados das tropas de choque.

— Nem me diga! Tivemos de lutar contra duas esquadrilhas deles no primeiro ataque a Qat Chrystac. Eles estavam usando truques que eu nunca tinha visto um TIE fazer.

Pash concordou.

— O general Kryll acha que Thrawn está escolhendo os melhores homens para modelo de clones.

— Ele seria muito estúpido se fizesse outra coisa. E que tal Varth? Conseguiu escapar?

— Não sei. Perdemos contato com ele durante a retirada. Mas espero que ele tenha sido capaz de furar o cerco e ter encontrado uma outra esquadrilha de combate em Fedje ou Ketaris.

Wedge pensou nas poucas vezes que estivera ao lado do comandante de esquadrilha Varth, envolvendo tempo de espera antes do ataque, ou de manutenção. O sujeito era um tirano amargo, e de boca suja, com a única vantagem de ser capaz de voar com seu caça contra possibilidades ridículas,

Ter o impossível e depois voltar são e salvo.



— Ele vai conseguir, sem dúvida — comentou Wedge. — c contrário a se deixar morrer para conveniência do Império, ele não iria colaborar.

— Pode ser... parece que já vai começar.

Wedge voltou-se para a frente ao mesmo tempo que o burburinho de conversas cessava. O almirante Ackbar estava em pé ao lado do monitor holográfico central, ladeado pelo general Crix Madine e o coronel Bren Derlin.

— Oficiais da Nova República — cumprimentou, solene, Ackbar, com os grandes olhos protuberantes dos mon calamari girando ao redor de toda a sala de guerra. — Nenhum de vocês precisa ser lembrado de que nas últimas semanas nossa guerra com o Império tornou-se do que parecia um exercício numa verdadeira luta pela sobrevivência. Por enquanto, a vantagem de recursos e de pessoal ainda é nossa, porém mesmo essa vantagem está a ponto de desaparecer. Menos tangíveis, mas igualmente perigosas são as formas que o Grande Almirante Thrawn encontra para abater nossa moral. É hora de jogarmos algumas coisas na cara do Império. General Madine, prossiga, por favor.

— Presumo que todos tenham sido informados sobre a nova forma de sítio que o Império criou ao redor de Coruscant — começou Madine, batendo um pequeno bastão na palma da mão. — Eles conseguiram progressos na destruição dos asteróides camuflados, mas o que de fato precisam para terminar o serviço, é de um cristal emissor de campo gravitacional. Fomos designados para conseguir um para eles.

— Parece divertido — comentou Pash.

— Quietos — pediu Wedge.

— A Inteligência localizou três deles — continuou o general. — Todos em espaço do Império, naturalmente. O mais simples Para se atacar é o de Tangrene, que ajuda a guardar a nova base Ubiquitorate que estão montando lá. Muitas naves cargueiras e em construção estão por lá, mas poucas naves de combate. Conseguimos infiltrar nosso pessoal nas tripulações de cargueiros e informam que o local está pronto para ser tomado.

— Parece com Endor — comentou alguém no banco ao lado de Wedge.

— Como podemos saber se não é uma armadilha?

— Na verdade temos bastante certeza disso — respondeu Madine com um sorriso. — Por isso é que vamos para esse lugar.

Ele tocou um botão, e o projetor holográfico levantou-se do centro da mesa, produzindo um esquema luminoso no ar.

— Estes são os estaleiros do Império em Bilbringi. Sei que estão dizendo para vocês mesmos: é grande, é bem defendido, o que será que o Alto Comando está pensando? A resposta é simples. É grande, bem defendido, e o último lugar onde o Império espera um ataque.

— Além do mais, se formos bem sucedidos, teremos abalado seriamente a capacidade de construção de naves do inimigo — acrescentou Ackbar. — Assim como terminaremos com o mito da infalibilidade dos Grandes Almirantes.

O que presumia, naturalmente, que Thrawn *era* falível. Wedge pensou em lembrar esse fato, mas resolveu ficar quieto. Se o Grande Almirante fosse infalível mesmo, não poderiam fazer nada a respeito. Todos os outros deviam estar pensando o mesmo.

— A operação consiste em duas fases — explicou o general Madine. — Não queremos desapontar o Império deixando de atacar Tangrene, portanto o coronel Derlin está encarregado de criar a ilusão de que esse sistema é nosso único alvo. Enquanto ele faz isso, o almirante Ackbar e eu estaremos organizando o verdadeiro ataque, a Bilbringi. Alguma pergunta?

Houve um instante de silêncio. A seguir Pash levantou a mão.

— O que acontece se o Império ficar sabendo sobre o ataque a Bilbringi e desconhecer as preparações para atacar Tangrene?

— Ficaremos muito desapontados com eles — sorriu o general. — Muito bem, cavalheiros, temos uma força de ataque para organizar. Mãos à obra.

O quarto estava escuro e quieto, os ruídos típicos da Cidade Imperial penetrando pela janela, juntando-se aos sons mais sutis das respirações dos bebês. Inalando os aromas familiares do lar, Leia olhou para o teto e imaginou o que a teria acordado.

— Precisa de alguma coisa, Lady Vader? — indagou uma voz noghri das sombras próximas à porta.

— Não, obrigada Mobvekhar — respondeu Leia, espantada com a percepção, pois não fizera ruído algum... deve ter sido a alteração do ritmo da respiração. — Não quis perturbá-lo.

— Não foi nada. Está apreensiva?

— Não sei... — Agora começava a recordar-se. — Tive... uma espécie de sonho. E mais como um lampejo subconsciente de visão. Um pedaço de quebra-cabeças tentando encaixar em algum lugar.

— Sabe qual pedaço?

— Não sei nem qual é o quebra-cabeças — respondeu Leia, balançando a cabeça.

— Está relacionado com o cerco das pedras no céu? — indagou Mobvekhar. — Ou talvez com a missão de seu consorte e do filho de Vader?

— Não estou certa — disse Leia, franzindo a testa ao concentrar-se na escuridão e realizou a técnica Jedi de aprimoramento da memória. Devagar, as imagens do sonho começaram a retornar e ficar mais nítidas. — Foi uma coisa que Luke disse. Não, foi *Mara* quem disse. Alguma coisa que Luke *fizera*. Encaixavam-se de alguma forma. Não sei como, mas sei que é importante.

— Então encontrará a resposta — afirmou o noghri, enfático. Você é a Lady Vader, a *Mal'ary'ush* do Lorde Vader. Vai obter sucesso em qualquer objetivo que estabeleça para si mesma.

Leia sorriu na escuridão. Não eram apenas palavras. Mobvekhar e os outros noghri acreditavam de verdade naquilo.

— Obrigada — murmurou ela.

Respirou fundo, sentindo o próprio espírito mais forte. Sim, iria obter sucesso. Ainda que não tivesse nenhum outro motivo, a fé dos noghri seria razão suficiente para vencer.

Do outro lado do aposento, percebeu a inquietude e o aumento da fome nos gêmeos, o que significava que acordariam em pouco tempo. Esticando a mão além do sabre-laser escondido embaixo do travesseiro, apanhou o robe. Fosse o que fosse esse tal quebra-cabeças, teria de esperar até a manhã seguinte.